

SIMPÓSIO AT167

O DESVELAR DA NEGRITUDE NOS LABIRINTOS DE ÚRSULA

Natalia KLIDZIO

UMCS/Uniwersytet Marii Curii-Skłodowska/Lublin/Polônia

nklidzio@yahoo.com

Resumo: Este artigo propõe uma análise do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. Pontuando a contextualização histórica do surgimento e formação do romance no Brasil, com suporte nos textos de Antonio Cândido, apresenta-se a interpretação dos elementos narrativos constitutivos de *Úrsula*, conforme Cândida Gancho, Ligia Leite, Antonio Candido, Anatol Rosefeld e outros. Situando-o como romance oitocentista brasileiro e, revisando os olhares da crítica sobre o mesmo, revela-se aqui, o conteúdo sociológico, moral, histórico e étnico em conexão à realidade da época. Defende-se a necessidade de ler e receber *Úrsula* como romance provocador de uma revisão ao romantismo brasileiro por testemunhar a participação de negros na literatura do país quer como autor, quer no plano dos personagens. Os textos do sociólogo Clóvis Moura servem como suporte na definição do olhar de inclusão e raciocínio crítico, imprescindível para uma postura moderna de leitor frente à formação da literatura brasileira. Por fim, é com a imposição das vozes negras, emitidas pela autora e pelos personagens de *Úrsula*, que se pode reconhecer e desafiar além de contestar as várias faces das forças promotoras do branqueamento e da discriminação no Brasil.

Palavras-chaves: *Úrsula*; literatura afro-brasileira; romance; crítica literária.

Abstract: This article aims to analyze the novel *Úrsula*, written by Maria Firmina dos Reis. Thinking close to the historical contextualization of the novels' beginning in Brazil, with support in the texts of Antonio Candido, it is presented the interpretation of the narrative elements of *Úrsula*, according to Cândida Gancho, Ligia Leite, Antonio Candido, Anatol Rosefeld and others. Knowing it is as a nineteenth-century Brazilian novel, and reviewing the views of the critics on it, it is revealed here the sociological, moral, historical and ethnic content connected with the reality of that time. It is defended the need to read and receive *Úrsula* as a provocative novel of a revision of the Brazilian romanticism for witnessing the participation of blacks in the literature of the country, both as

author and character. The written of the sociologist Clóvis Moura serve as a support in the definition of inclusion and critical thinking, essential for a modern posture of the reader facing the formation of Brazilian literature. Finally, it is with the imposition of the black voices - issued by the author and by the characters of Úrsula, that can be recognized, challenged and contested the various faces of the forces which promoted the whitening and discrimination in Brazil.

Key-words: Úrsula; Brazilian black literature; novel; literary critics.

Introdução

Úrsula é um romance publicado em 1859, por Maria Firmina dos Reis, nascida em 1825 na Ilha de São Luiz, no Maranhão e, morta em 11 de novembro 1917, em Guimarães. Foi conhecida na ilha por ser uma professoral engajada nas causas educacionais, culturais e sociais. *Úrsula* angariou leitores e algumas atenções da imprensa local mas restringiu-se às fronteiras do Estado do Maranhão sem entrar no quadro nacional, embora produzido no rebento da ficção do romantismo brasileiro (1836, até 1881). Cultuado e guardado na memória dos seus contemporâneos locais, permaneceu como única edição até quando, em 1962, o paraibano Horário de Almeida, escritor, pesquisador, historiador e bibliófilo o encontrou nos arquivos do Rio Janeiro atraído pelo título e autor: *Úrsula Romance original brasileiro, por Uma Maranhense*. Com o resgate, chegou a sua autoria e uma reedição foi preparada por Nascimento Morais Filho, em 1975. É um romance romântico, recentemente descoberto pela crítica acadêmica através dos trabalhos de dois pesquisadores. (BASTOS, 2018).

A revitalização de *Úrsula* despertou curiosidades e questionamentos, em especial, no meio acadêmico. Pergunta-se por que não revelara seu nome? Descobriu-se que *Uma Maranhense* encobria uma discrição conveniente, pois seu nome expressava uma mulher de luta, de uma identidade impactante à ordem vigente: filha de pai escravo e negro e de mãe branca; logo, bastarda e mulata!

As palavras modestas de Maria Firmina, no Prólogo (p.33) apontam indícios de uma restrição guardada ao romance: “Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou ao lume.” Ela sinalizou a dificuldade e impossibilidade de projeção: ser mulher das letras, negra e bastarda, mas, persistiu, enfrentou e desafiou o quadro da época, como se percebe, adiante, quando justificou o seu ato de escrevê-lo: “Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor.” Lembramos que a sociedade brasileira da época se firmava e se sustentava na âncora do patriarcalismo e do regime escravagista. Vivendo naquele contexto, cônica e sem ilusão, preveniu: “Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados”. Nesse diálogo preliminar com seus leitores a autora adverte para a condição subalterna, inferior a que a mulher, negra e pobre estava submetida. O seu perfil representava um enfrentamento aos preconceitos ao mesmo tempo que evidenciava o seu deslocamento e estranhamento ante a sociedade brasileira.

O Brasil tornara-se independente e o papel de interpretar e de veicular a exposição de todos os motivos relacionados a realidade específica brasileira coube a literatura do romantismo. Os escritores seriam os operadores na construção do espírito pátrio e, foi preciso animar os jovens para o desejo de fazer uma literatura de cor local, sendo assim, nacionalista, com características de renovada, nacional e patriótica. Naquela sociedade, patriarcal e escravagista, foram os jovens homens brancos a escrever, privilegiados pelo acesso à instrução, à política e as letras. Consequentemente, os escritores emergentes desse reduto escreveram sobre o Brasil com sua grandeza, belezas e sua gente, a rica sociedade de onde vinham.

Não obstante, o Brasil erguia-se pela prática da escravidão e revelava uma sociedade bipolar: de um lado, constituída pela riqueza e, de outro, pela pobreza. E foi na observação e consciência dessa realidade e nos universos

humanos que a compunham que Maria Firmina encontrou os temas para criar a sua narrativa. O romance *Úrsula* mostra que a literatura de ficção romântica pode deixar de ser uma narrativa maravilhosa decorrente da atmosfera idealizada e fora da realidade objetiva e pode se transformar em uma testemunha de observação, de confissão e de análise emotiva do homem em suas relações com o mundo que o cerca, com a sociedade. Antonio Candido escreveu que: "O eixo do romance oitocentista é pois o respeito inicial pela realidade, manifesto principalmente na verossilhança que procura imprimir à narrativa." (p. 111) Assim, na intenção de expressar a verdade e verossilhança, do ideário romântico, Maria Firmina colocou-se - em vida e obra - em polo contrário ao gosto e à ideologia dos dominantes. Enquanto o Rio de Janeiro deleitava-se com *A Moreninha*, de Macedo, sem contar com os mesmos mimos, Maria Firmina produziu *Úrsula*, em zona periférica da sociedade, delineando a escravidão e as forças patriarcais nas terras brasileiras. E assim, entendemos que *Úrsula* é um exemplo de restrição cometida pela historiografia brasileira relacionada à literatura de autoria e temática negras. Maria Firmina dos Reis foi excluída pelo silêncio nacional à sua produção romântica.

Desde que foi recuperado por Horário de Almeida e reeditado por Nascimento Morais Filho, o romance *Úrsula* está cada vez mais presente nos estudos acadêmicos, impulsionados, em especial, pelo pensamento teórico contemporâneo sobre a negritude, sobre a presença do negro na formação do país e sobre a sociedade brasileira, levantado por Clóvis Moura e outros sociólogos. Apesar de ter sido ignorado por mais de um século, como romance, as leituras e as vozes interpretativas atuais o colocam na literatura oitocentista, considerando-se as estratégias narrativas ao molde romântico. Como autora, Maria Firmina, ao lado de Teixeira e Souza, de Macedo e de Alencar, inaugurou o romance romântico. Como mulher, negra e escritora sobre os escravos foi ela, a primeira romancista brasileira.

De acordo com Antônio Cândido, o romântico exprime a insatisfação com o mundo contemporâneo, manifestada por meio de inquietude, tristeza,

anseio de algo melhor do que a realidade, inconformismo social, ideais políticos e de liberdade, entusiasmo nacionalista. Por conseguinte, na obra é fundamental o culto do amor como tema, e por isso, a presença de histórias sentimentais e ainda, o culto à natureza. Elementos que revelam o sentimento religioso, pátrio e humano são ainda essenciais. (1973, 246-8). Analisando os elementos da narrativa de *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, mostramos o seu alinhamento romântico e oitocentista e os diálogos que este livro possibilita para os tempos atuais.

Tema e enredo no romance *Úrsula*.

O amor é o tema eleito pela autora para articular a narrativa. A relação entre os jovens, Tancredo e Úrsula, da sociedade tipicamente patriarcal e escravagista brasileira sustenta o enredo. Há um conflito a ser resolvido, um bloqueio relacionado a algo vivido no passado de cada um: Tancredo, a noiva o traiu, casando-se com seu pai. Úrsula, um tio causador da sua orfandade e da viuvez da mãe, o que desgraçou a vida de ambas. Assim temos:

Tancredo sofrera a desilusão amorosa com Adelaide, moça de um distante parentesco, seu primeiro amor que, por ser órfã, fora criada pela mãe do jovem. Após a morte da senhora mãe, Adelaide une-se ao afortunado pai de Tancredo. Fraco e divagando em sua desilusão, segue por um caminho à cavalo nas proximidades da propriedade de Luíza B... e Úrsula, sua filha. No passado, a vida de Luíza foi desgraçada por seu irmão, o Comendador Fernando P...razão da viuvez e doença, ficando cuidada por filha Úrsula, auxiliada pela negra Suzana. Ali, Tancredo sofre um acidente, é socorrido por Túlio, um escravo empregado de Luíza... que o leva até a casa das duas mulheres onde recebe os cuidados da jovem Úrsula. Durante a estada, Tancredo relata às mulheres da casa, o trauma de amor, sofrido antes. Desvendando-lhes a fatalidade amorosa adquire a compreensão, a compaixão e a confiança das mulheres ouvintes o que o recupera do trauma do passado. Durante a estada convalescente nasce o amor entre Tancredo e Úrsula, com a

cumplicidade dos negros, Túlio e Suzana. Recuperado, Tancredo parte prometendo retornar para a união definitiva de ambos. Na ausência, Úrsula entalha o nome do seu amado no tronco de uma árvore do bosque.

É quando a história chega ao clímax, pois Úrsula é surpreendida pelo tio Fernando P... que ocultamente a seguia. Revela a sua pretensão de casar com a jovem sobrinha. Na sequência, Luiza B... morre. A história de amor passa para o desfecho com o regresso de Tancredo que, a par dos acontecimentos, protege Úrsula, escondendo-a num convento, até efetivarem o casamento. Furioso, Fernando P... propõe-se a encontrá-la, e ainda a matar Tancredo, organizando para isso, a procura do casal. O casamento dos jovens ocorre, mas à saída do convento, ambos são surpreendidos, pelo Comendador Fernando P... e seus bandidos.

A violência promovida pelo Comendador Fernando P... ordena o final do romance: preta Susana é presa e morre, ocorre o assassinato de Túlio, de Tancredo e o sequestro de Úrsula que a leva a loucura e a morte. O próprio Comendador Fernando, em seu desassossego tenta a paz no Convento das Carmelitas, onde o padre, sem sucesso, o estimula à conversão; morre louco. Lá longe, as notícias da morte do pai de Tancredo e de Adelaide, ambos banhados em infortúnios e infelicidades.

O modelo folhetinesco utilizado por Maria Firmina favorece a sequência narrativa e é positiva para introduzir e situar os personagens e os fatos no momento certo e com a relevância precisa. Como é clássico no Romantismo há a observância da linearidade, de modo que a relação do casal vai se construindo harmoniosamente até surgir um obstáculo, que complica a sequência desta: trata-se do aparecimento físico de Fernando P... Neste ápice, a narrativa se desarmoniza e se desconstrói, pois ele provoca um corte na história que, na expectativa o leitor rumava para um final feliz. A entrada e a sequência de fatos e atos decorrentes da dinâmica deste personagem operam na reconstrução harmônica da narrativa, conduzindo ao final, com o desfecho

muito drástico para cada personagem. Nessa história de começo, meio e fim confirmam-se as premissas do Romantismo brasileiro e universal.

A verossimilhança é verificável na relação causa e consequência com que a autora vai moldando o enredo. Cada fato tem na sequente explicação, o motivo que o precedeu. Algumas personagens autorrelatam sua condição. A trama vai enredando o leitor. O debilitado estado psicológico de Tancredo resulta no acidente; o socorro que lhe é prestado pelo escravo Túlio, resulta na cumplicidade entre ambos; dos cuidados dedicados por Úrsula surge o amor entre ambos; da proteção da negra Suzana à Úrsula em criança, resulta num amor filial entre as duas; Luísa B...para proteger a filha, facilita a concessão da bênção ao casal; e assim segue. Nesse tom de contribuição, consideram-se as quebras aos costumes e regras impostas pelos padrões patriarcais e também os sentimentos de ódio que contracenam as relações harmoniosas na história e produzem em consequência, os castigos, às violências, as imposições, os crimes e à morte.

As personagens: brancos, negros, mulheres e padres.

Atribuímos às personagens toda a força do conteúdo sociológico, moral, histórico e étnico em *Úrsula*. Através deles conectamos o romance à realidade da época oitocentista no Brasil. Podem ser agrupados em quatro blocos: os homens brancos, as mulheres, os negros, os padres. Vejamos:

a) a sociedade de molde patriarcal e escravagista brasileira está representada pelos homens brancos. Em geral, oligarcas bárbaros. Assim, temos: 1) Tancredo: jovem, estudante de Direito em São Paulo, de nascimento distinto, personagem que protagoniza a história com Úrsula. Poderia representar a esperança de uma sociedade nova, melhor. 2) Pai de Tancredo: branco, oligarca, velho patriarca, cruel, orgulhoso, impostor e assassino. Condiciona a sua esposa à submissão, ao sofrimento, a doença e à morte. 3) Paulo B...: pai de Úrsula, fanfarrão, machista e interesseiro. Inferior sem possuir terras e riquezas casa-se com Luisa com objetivo de ascensão. 4) Comendador

Fernando de P...:irmão de Luísa, tio de Úrsula: escravagista, inescrupuloso, estúpido, orgulhoso, colérico, e machista e impostor. É responsável pelos crimes da narrativa.

b) de acordo com a sociedade patriarcal as mulheres, são sofredoras, submissas, fracas e delicadas. Temos: 1) Úrsula: personagem principal que dá título ao romance. Jovem branca, bondosa, donzela, doce, pura. Comparada a anjo. 2)Luísa B...: mãe de Úrsula; branca, filha de fazendeiro escravagista, submissa. Renegada pelo irmão por casar com Paulo, de classe inferior, sendo por isso, marginalizada de vida arruinada. Viúva, adoece, tornando-se paralítica. 3) Mãe de Tancredo: bondosa, branca, submissa.. 4) Adelaide: órfã, branca, pobre, quando adulta torna-se mulher fria e interesseira e por isso, comparada ao diabo. Casa-se com o pai de Tancredo, desgraçando a família.

c) Os negros:1)Túlio: negro, leal, escravo de Luísa B...; salvador da vida de Tancredo, de fato que o torna seu amigo e alforriado. 2) a preta Suzana: negra escrava, leal, generosa, desterrada à força, ama de Úrsula, mãe adotiva de Túlio corajosa e serena. 3) Antero: velho africano, escravo de Fernando; antes na África era bom, correto e trabalhador, no Brasil, tornara-se alcóolatra.

d) Os padres: representados pelo Padre F....torna-se padre e Capelão de Fernando P... com a ajuda recebida dos pais deste e pelos favores a eles prestados. Tem uma participação secundária no romance. Restringem-se a 'salvar almas'. Revela indiferença e distância da igreja ante as atrocidades dos senhores escravagistas e o drama dos negros e das mulheres.

Brasil: lugar belo, tempo indesejado, ambiente melancólico.

Já no início da narrativa, a autora marca o espaço com tom romântico caracterizado pelo destaque e valorização da natureza "São vastos e belos os nossos campos."(p.35) A ideia da imensidão e de beleza do lugar é apresentada em tom crescente, sendo complementada de elementos da natureza como os grandes rios, o céu, as estações do ano, as chuvas, as

palmeiras como a carnaubeiras e os palmares, os tipos de árvores e suas frutas, o silêncio dos bosques as fazendas como modelo do tipo de propriedade rural e a condição de isolamento dos seus habitantes, o uso do animal como meio locomoção nas fazendas e nos deslocamentos para a cidade. Deste modo, o leitor vai recebendo os indicativos de que o espaço ficcional da história é entre o nordeste e o norte do Brasil.

No tom de poeticidade e religiosidade que a natureza é descrita e ressaltada, não se inclui qualquer expressão do espírito nacionalista. O espaço na narrativa é sempre primorosamente adornado, com linguagem poética, adjetivos, figuras de linguagem com o objetivo de colocar nele as personagens e alocar as ações. Percebe-se que a ideia do espaço é construída de modo a despertar uma sensação positiva no leitor e de que tudo o que está relacionado com a natureza é atribuído a Deus, como se lê em: “que Ihe marcou a onipotente mão do rei da criação.”(p.35) ou adiante, na citação: “O campo, o mar, a abóboda celeste ensinam a adorar o supremo Autor da natureza, e a bendizer-Ihe a mão, porque é generosa, sábia e previdente” (p.37).

Notamos a intenção crítica da autora ante a exuberância do espaço e a relação do elemento humano que o habita. Fica evidente, que é desumana a ocupação de toda a criação divina, como se o homem não merece o espaço onde Deus o colocou como podemos ver nos excertos: “É às águas, e a esses vastíssimos campos que o homem oferece seus cânticos de amor? Não, por certo. Esses hinos, cujos cânticos perdem-se no espaço, são como notas de uma harpa eólica, arrancadas pelo roçar da brisa;” (p.35) ou em passagens como: ...”porque aí despese-nos o coração do orgulho da sociedade, que o embota, que o apodrece”. O texto celebra o Brasil, mas a natureza funcionando com a perfeição é conferida a ação divina.

Há, no entanto, um desalinhamento entre o espaço e o ambiente na narrativa de *Úrsula*. O homem e a sociedade brasileiros estão em dissonância com a perfeição da tal criação divina. O tom crítico emana da atmosfera melancólica que envolve esses lugares quando neles aparecem os

personagens e suas ações: estão os oligarcas com sua crueldade, as mulheres oprimidas e submissas, os escravos obedientes, medrosos e saudosos da África que perderam.

Nas referências relacionadas ao tempo, como outros elementos da narrativa, percebemos que a autora recorreu a diversos níveis para a construção do romance. Um deles, é a época em que se passa a história, qual seja, o da escravidão africana no Brasil que se percebe facilmente na fala de Túlio que diz: “- A minha condição é a de mísero escravo! Meu senhor! – continuou – não me chameis amigo.”(p. 45) Na fala, vemos as palavras escravo e senhor, dando esses indicativos de época. Na voz de outro personagem, Tancredo, vemos que a liberdade só pode ser adquirida por algum custo: “- Recebe, meu amigo, este pequeno presente que te faço, e compra com ele a tua liberdade.”(p. 56)

Também vimos indicações da época da escravidão em: “E aí havia uma mulher escrava, e negra como ele.”(p. 111). Outras, encontramos nos momentos do enredo quando referem a caça ao negro na África: “E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava” (p.115) ou nas cenas relatadas sobre o traslado e as condições no navio, descreve:

“Meteram-me a mim e mais trezentos companheiros de infortúnio e cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário `a vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras.(...) “Para caber a *mercadoria humana* no porão fomos *amarrados* em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes (...). Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água.”(p.116)

Outro nível de referência ao tempo é a duração da história. Há uma marcação da passagem do tempo que podemos ligar às mudanças que vão ocorrendo no cotidiano da personagem Úrsula. A primeira ação que marcou o

começo do enredo foi quando o negro Túlio levou Tancredo para ser cuidado na casa da viúva Luísa B..., e de uma jovem filha:

“-Meu senhor, permiti que vos leve à fazenda que ali vedes – e apontava para a outra extremidade do campo – , ali habita com sua filha única a pobre senhora Luísa B..., de quem talvez não ignoreis a triste vida.(...) mas aí está sua filha, que é um anjo de beleza e de candura, e os desvelos, que infelizmente vos não posso prestar, dar-vos-á ela com singular bondade.”(p.44-5)

E, a história dura o tempo da recuperação de Tancredo; o aparecimento do tio na vida de Úrsula; o ponto do casamento de Úrsula com Tancredo e, na sequência, o assassinato deste, a loucura e morte de Úrsula: “No convento de *** , junto ao altar da Senhora das Dores encontra-se uma lápide rasa e singela com estas palavras – ORAI PELA INFELIZ ÚRSULA!” (p.213) O recurso da marcação cronológica pela ordem da ocorrência dos fatos garante o equilíbrio da linearidade no romance, apesar de o tempo não ser demasiado longo: a história ocorre durante uma parte da juventude de Úrsula.

Observamos a ocorrência de pequenas interrupções na ordem linear do tempo da história em alguns momentos na narrativa quando é usado o recurso do *flashback* em que alguns personagens secundários posicionam-se no primeiro plano e, numa recorrência à memória relatam parte de sua vida. É o caso de Luísa B... quando conta à Tancredo de como se tornou viúva e de como Úrsula, tornara-se, precocemente, órfã de pai:

”Há doze anos que arrasto a custo esta penosa existência(...)um amor irresistível levou-me a desposar um homem, que meu irmão no seu orgulho julgou inferior a nós pelo nascimento e fortuna. Chamava-se Paulo B... (...)Assassinaram-no, sim.(...) Ninguém, a não ser eu sentiu a morte de meu esposo. A justiça adormeceu sobre o fato, e eu, pobre mulher, chorei a orfandade de minha filha, que apenas saía do berço, sem uma esperança, sem um arrimo, e alguns meses depois veio a paralisia –essa meia morte – roubar-me o movimento e tirar-me até o gozo ao menos de seguir os primeiros passos desta menina”(p.102-105)

O mesmo ocorre quando Túlio relata a perda de sua mãe, conforme se lê:

“Bem pequeno era eu (...) mas chorei um pranto bem sentido, por vê-la se partir de mim, e só comecei a consolar-me, quando mãe Zusana à noite, balouçando-me na rede, disse-me:

- Não chores mais, meu filho, basta. Tua mãe volta amanhã, e te há de trazer muito mel, e um balaio cheio de frutas..

Enxuguei os olhos e dormi na doce esperança de revê-la,; e à noite sonhei que a vira carregada de frutas,”(p.158)

E o terceiro exemplo, ocorre na voz do negro Antero quando explica-se no vício de beber:

- Que conceito? (...) É o único vício que tenho; e ainda por conservá-lo não prejudiquei ninguém. (...) por ventura pedi-te algum dinheiro para fumo ou cachaça? (...)

- Pois bem, (...) no meu tempo bebia muitas vezes, embriagava-me, e ninguém me lançava isso em rosto; porque para sustentar meu vício não me faltavam meios. Trabalhava, e trabalhava muito, o dinheiro era meu, não o esmolei.(...) na minha terra há um dia em cada semana, que se dedica à festa do fetiche, e nesse dia, como não se trabalha, a gente diverte-se, brinca, e bebe. Oh! Lá então é vinho de palmeira mil vezes melhor que cachaça, e ainda que tiquira.”(p.189)

O foco narrativo

O narrador do romance *Úrsula* apresenta-se em terceira pessoa: “Abstrato, ou como que em penosa e profunda meditação, o cavaleiro prosseguia sem notar a extrema prostração do animal (...) o mancebo ocultava parte de suas formas num amplo capote de lã...”(p. 38). Entretanto, em alguns momentos necessários para pautar a importância da função de alguns personagens, o ponto de vista em terceira pessoa evade-se e o narrador alterna-se para a primeira pessoa; ocorre quando os próprios personagens fazem relatos sobre a sua vida, a exemplo na voz de Tancredo em “A dor que senti, minha pobre Úrsula – não vos poderei .expressar” (p.77); na de Luisa B...” Há doze anos que arrasto a custo esta penosa existência” (p.102). A ênfase no

foco em primeira pessoa está primorosamente exposta nos relatos dos personagens negros como no de Túlio:

“... sem dizer-lhe um último adeus! Gemi de ódio, e confesso-vos que por longo tempo nutri o mais hediondo desejo de vingança. Oh! Eu queria sufocá-lo entre meus braços, queria vê-lo aniquilado a meus pés, queria...”(159)

e neste, da africana Susana:

“Vou contar-te o meu cativo.(...) Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar.(...) Sim, eu estava triste (...) Deixei-a nos braços de minha mãe, e fui à roça colher milho.(...) Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava - pátria, esposo, mãe e filha, a liberdade! Meu Deus! o que se passou no fundo de minha alma, só vós o pudestes avaliar!”(p.115).

As considerações finais: “Ah! Senhor! Que coisa triste é a escravidão!”

Úrsula com seus personagens brancos e negros é romance que mostra e faz pensar sobre a violação colonial que dilacerou civilizações e culturas dos povos africanos, tomados à força são transladados para o Brasil e submetidos às agruras da escravidão. O negro arrancado de suas raízes e plantado bruscamente em terra estranha é um exilado de sua pátria. Para o branco, as terras coloniais e ex-colônias como a África e o Brasil são lugares para invasão, exploração e enriquecimento. O Brasil para o negro, lugar de dor e sofrimento, sem chance de aculturação pois a sobrevivência geria o cotidiano. África é um lugar de memória e de saudade para o negro brasileiro. Sentido de felicidade, pátria, mãe e família, de trabalho na terra que o alimenta, de amor, valores e cultura. Fonte que nutre a resistência, a lealdade e a religiosidade.

A igualdade entre a alma branca e negra proposta no início se esvai... o amor não subsiste e a narrativa tem final infeliz. É o olhar crítico, pessimista, negativo e sem esperança de Maria Firmina dos Reis dirigido para o tipo de sociedade vigente. Daí, a morte que extingue as personagens brancas e negras e fecha o romance como que num grito de que a nação com uma sociedade assim, não pode ser.

Referências

BASTOS, Laísa Marra de Paula Cunha. Maria Firmina dos Reis e o projeto nacionalista literário do século XIX. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/leterafr/autoras>.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos. 5.ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. 1975. V.1

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos. 5.ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. 1975. V.2.

CRUZ, Mariléia dos Santos; MATOS, Érica de Lima de; SILVA, Ediane Holanda. “Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, distinta literária maranhense”: a notoriedade de uma professora afrodescendente no século XXI. Disponível em <http://www.hottopos.com/notand48/151-166Marileia.pdf>

GANCHÓ, Cândida Vilares. Como analisar narrativas, São Paulo: Ática., 2013.

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Porto Alegre: Taverna, 2018.